



**INSTITUTO DE CIÊNCIAS EXATAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA  
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA**

**O PAPEL DO DESENHO NO ENSINO PRIMÁRIO**

**PRODUTO EDUCACIONAL**

**Maria das Graças Schinniger Assun Garcia**

**JUIZ DE FORA (MG)  
2018**

Maria das Graças Schinniger Assun Garcia

## **PRODUTO EDUCACIONAL**

### **O PAPEL DO DESENHO NO ENSINO PRIMÁRIO**

Produto Educacional apresentado ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Matemática, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação Matemática.

Orientadora: Dra. Maria Cristina Araújo de Oliveira

Juiz de Fora (MG)  
Abril, 2018

Caro (a) leitor (a),

Este livreto é fruto de um produto educacional que resulta da dissertação de mestrado de Maria das Graças Schinniger Assun Garcia, apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, sob a orientação da professora Dra. Maria Cristina Araújo de Oliveira, tendo como título *O Desenho como Matéria em Minas Gerais, nas Décadas de 1940 e 1950*.

Com esta iniciativa, esperamos contribuir com uma visão mais abrangente da educação matemática nos primeiros anos escolares, a partir do estudo histórico do ensino de Desenho no ensino primário, que compreende os primeiros anos de escolarização nas décadas de 1940 e 1950 no Brasil.

Como educadora de pedagogos e pedagogas, atuando na formação de professores nos anos iniciais do curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG, percebemos no dever buscar incessantemente a formação e o aperfeiçoamento para merecer estar à frente de uma turma em sala de aula. Essa inquietação reforça a necessidade de estarmos sempre à procura de alargar e aperfeiçoar o conhecimento, tornando mais eficaz a sua transmissão.

Entendemos que o engajamento no contexto da evolução e construção do conhecimento torna-se um ponto de apoio a professores, futuros professores, profissionais da educação e para aqueles que se dedicam à causa do ensino.

Este produto representa, então, o esforço de uma professora de matemática dedicada à formação de docentes e à educação - campo do saber. Torna-se importante dirigir um olhar para o ensino e aprendizagem de saberes que intentam orientar e mediar a prática ou o ofício de ensinar em torno de um saber ou um conjunto de saberes.

Consideramos as experiências que outrora fizeram história junto aos bancos escolares, vividas em distintas épocas, como fonte de alimento para novos passos na educação.

Maria das Graças Schinniger Assun Garcia  
Mestre em Educação Matemática  
Universidade Federal de Juiz de Fora  
02 de abril de 2018

*“Aprendi a ensinar à medida que mais amava ensinar e  
mais estudava a respeito”*

Paulo Freire, 1992

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Corpos	9
Figura 2 -	Superfícies	10
Figura 3 -	Trabalhando superfícies planas e planos	11
Figura 4 -	Paralelismo	11
Figura 5 -	Circunferência	12
Figura 6 -	A circunferência em objetos de uso diário	13
Figura 7 -	Relação do Desenho com a Matemática e a Geometria	14
Figura 8 -	Atividades do desenho	15
Figura 9 -	Atividades do desenho	15
Figura 10 -	Traços horizontais e traços verticais, formando paralelas	17
Figura 11 -	Traçado de Letras	18
Figura 12 -	Escrita de números	18
Figura 13 -	Quarto modelo de letras bastonadas	19
Figura 14 -	Letras com movimentos variados	19
Figura 15 -	Modalidade de faixa decorativa - meandro	20
Figura 16 -	Modalidade faixa decorativa/linhas convergentes	20
Figura 17 -	Faixa decorativa traçada com ajuda de espelho	21
Figura 18 -	Malhas oblíquas	22
Figura 19 -	Objetos móveis - perspectiva	28
Figura 20 -	Cilindro e cone	29
Figura 21 -	Formas Geométricas - perspectiva	29
Figura 22 -	Faixas decorativas I	35
Figura 23 -	Faixas decorativas II	35
Figura 24 -	Meandro	36
Figura 25 -	Atividade de expressão - desenho livre	38
Figura 26 -	Desenho ornamental	41

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>O DESENHO COMO SABER DE FORMAÇÃO: as discussões do século XIX....</b>	<b>8</b>
<b>2</b>	<b>O QUE FOI A LEI ORGÂNICA DO ENSINO PRIMÁRIO? .....</b>	<b>24</b>
<b>2.1</b>	<b>A Lei Orgânica para o Ensino Primário .....</b>	<b>24</b>
<b>3</b>	<b>OS PROGRAMAS EM EXPERIÊNCIA EM MINAS GERAIS .....</b>	<b>31</b>
<b>3.1</b>	<b>Programa em Experiência: Minas Gerais – 1948 .....</b>	<b>32</b>
<b>3.2</b>	<b>Programa para o Ensino Primário Elementar de Minas Gerais – 1957.....</b>	<b>36</b>
<b>4</b>	<b>Os Trabalhos Manuais e o Desenho nos Programas em Experiência.....</b>	<b>39</b>
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>43</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>45</b>

Caro (a) Professor (a),

Com esse produto desejamos oferecer uma base para análise dos diferentes papéis assumidos pelo Desenho, enquanto matéria, nos conteúdos dos cursos primários de programas curriculares do ensino brasileiro que vem sendo adotados desde meados do século XIX até a década de 1950. Nesse período, um marco importante na história da educação nacional foi a publicação da Lei Orgânica no ensino primário, em 1946, que reformulou o ensino fundamental no país com reflexos na educação em Minas Gerais, estruturando o ensino primário fundamental, com uma etapa elementar de 4 anos e outra complementar com 1 ano de duração, introduzindo e regulamentando o ensino do Desenho.

Assim sendo, esse material enfoca a história do ensino de Desenho através desta legislação, tanto em âmbito nacional quanto em âmbito estadual, em Minas Gerais, anunciado no Programa em Experiência nas décadas de 1940 e 1950.

O objetivo aqui é mostrar a importância do ensino do Desenho no curso primário, proporcionando uma abordagem referenciada na história da educação matemática. Procuramos compreender como o Desenho se colocou entre os saberes escolares nesse período; como foi se organizando ao longo dos anos; em quais finalidades foi se estruturando e evoluindo entre as séries iniciais do curso primário no período focado pelo presente estudo.

Nas próximas páginas apresentamos fragmentos de obras de autores que enfocam os vários papéis que o ensino do Desenho vai assumindo no recorte temporal abordado.

Ressaltamos que a dissertação que resultou neste produto educacional compreende uma análise histórica dos Programas de Ensino em Experiência no curso primário nas décadas de 1940 e 1950, sendo analisados os desdobramentos da implementação da Lei Orgânica de 1946 no estado de Minas Gerais nessas duas décadas.

Partimos do pressuposto que a partir do conhecimento sobre o passado das práticas educacionais, das propostas e dos programas do ensino primário estadual, estamos contribuindo para oferecer aos profissionais da área de educação uma visão mais crítica e ampliada das problemáticas educacionais contemporâneas enfrentadas no ensino escolar dedicado à infância.

Esperamos que você, professor ou professora, possa enriquecer o seu aprendizado de docente e a sua prática em sala de aula compartilhando conosco da presente visão, considerando a análise e as reflexões ora apresentadas, aproveitando as inúmeras possibilidades abertas pelo ensino do Desenho nos primeiros anos de aprendizado escolar, extraídas de experiências vividas outrora e transportadas para o universo do ensino desse saber escolar contemporâneo.

Consideramos que esse aprendizado, bem como a sua prática, possa se fazer presente nos sistemas de ensino das sociedades modernas através dos tempos, com o exercício de novas pedagogias.



## **1 O DESENHO COMO SABER DE FORMAÇÃO:** as discussões do século XIX

Esse produto decorre de estudo desenvolvido sobre a prática cotidiana do Desenho, entendido enquanto matéria do curso primário letivo, com a consequente busca de compreensão sobre o que esse mesmo saber escolar encerra, envolve e implica para as atividades escolares e no aprendizado infantil, assim como os seus reflexos no sistema de ensino estadual. Para tanto, foram identificadas as discussões que marcaram as diferentes épocas do ensino dessa disciplina para lidar com os conceitos, métodos, conteúdo e organização do curso de Desenho no sistema de ensino, como uma forma de saber que integra a formação da escola primária nas décadas de 1940 e 1950 em Minas Gerais.

Parte-se uma análise atenta sobre a orientação pedagógica cotidiana que dispõe e regulamenta o ensino deste saber enquanto disciplina, de acordo com os documentos oficiais que foram reunidos e consultados sobre a educação escolar à época. Assume-se, neste estudo, a tendência de considerar o Desenho um conhecimento escolar alinhado aos saberes matemáticos. Essa perspectiva baseia-se na trajetória histórica do ensino de Desenho.

Houve um tempo, lembrando o século XIX, em que se estabeleceu uma importante ligação entre o Desenho e a Geometria. O Desenho caminhava lado a lado com a Geometria, assumindo significativa relação com os saberes matemáticos, enquanto saberes ensináveis. O Desenho era introduzido pelas figuras geométricas, e a Geometria era representada pelos desenhos. Os desenhos deviam ser feitos à mão livre e a partir da observação e repetição da realidade. Essa proposta apoiava-se nas figuras geométricas, sem, no entanto, fazer-se uso de instrumentos de construção a rigor.

Nos dizeres de Leme da Silva (2014),

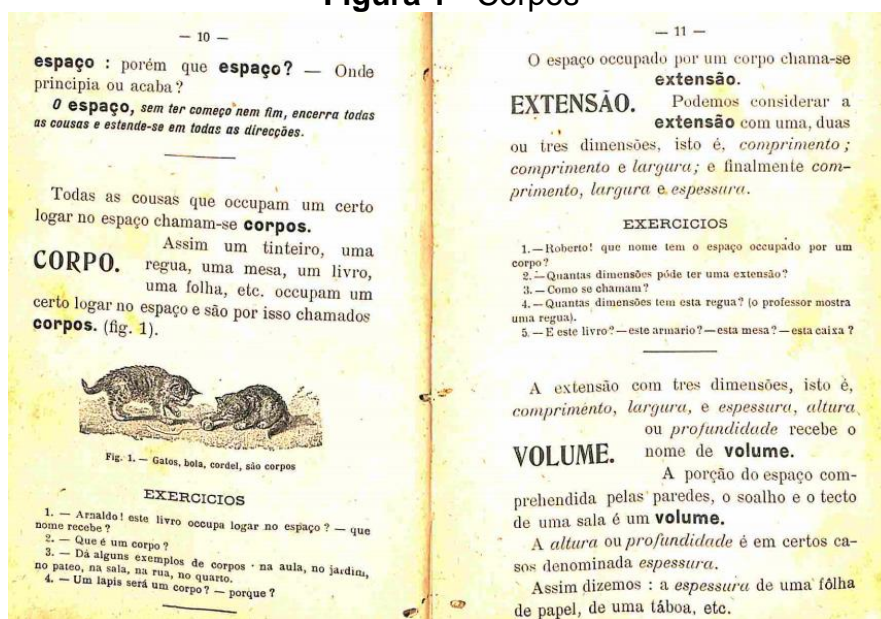
[...] a ênfase dada nas construções geométricas com régua e compasso em suas poucas obras destinadas ao ensino de geometria durante o Império trazem um vínculo forte entre a geometria e os traçados de figuras geométricas, porém eles são sugeridos nos manuais e compêndios para serem feitos à mão livre e não com instrumentos geométricos, como propõe Freire (FREIRE *apud* LEME DA SILVA, 2014, p. 5).

A seguir, são exibidas ilustrações sobre alguns tópicos adotados pelo Desenho, capturados na obra *Primeiras Noções de Geometria Prática* (1930), de Olavo Freire. Ao que tudo indica, a primeira edição da obra data de 1894.

Freire (1930) começa explorando objetos do cotidiano e propõe o desenvolvimento de atividades escolares, chamando a atenção para as diversos formatos e detalhes dos objetos encontrados no ambiente. Apresenta-os a partir do cotidiano e explora o seu conhecimento, mostrando as diferenças entre as formas e os detalhes de cada objeto. Procura estabelecer comparações entre as formas, tamanhos e elementos dos diferentes corpos geométricos, que contribuem para ilustrar o desenvolvimento de uma aula de matemática, por exemplo.

Para explorar as noções de espaço e forma dos objetos, parte de um exemplo prático em sala de aula. O autor começa mostrando que ao se colocar um tinteiro em uma mesa ele assume uma determinada posição no espaço. Aquele corpo ocupa um lugar no espaço.

Figura 1 - Corpos



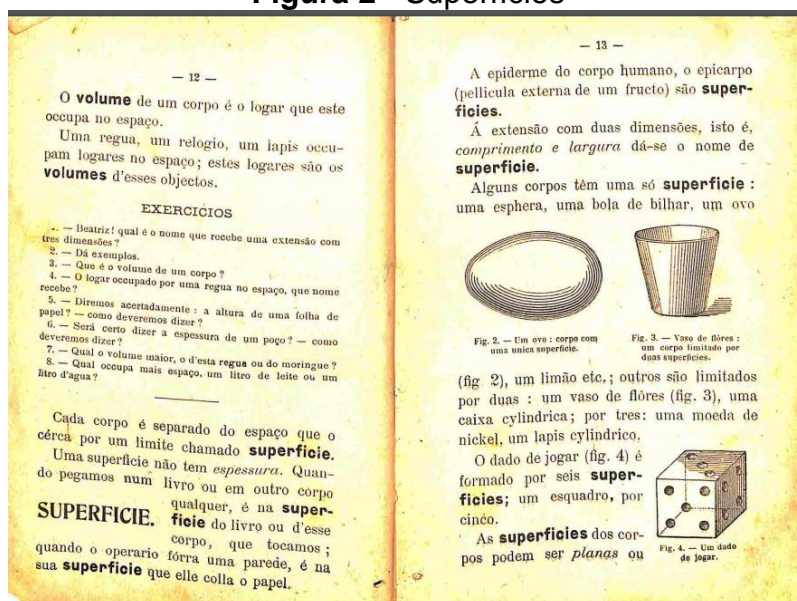
Fonte: Freire, 1930, p. 10-11

Todas as coisas que ocupam certo lugar no espaço são chamadas de corpos. Assim, um tinteiro, uma régua, uma mesa, um livro, uma folha, etc., ocupam um lugar no espaço e são por isso chamados de corpos. Por outro lado, o autor define volume como uma forma de extensão.

Freire (1930) prossegue explicando que:

[...] alguns corpos têm uma só superfície; como em exemplo uma esfera, uma bola de bilhar, um ovo, um limão etc.; outros são limitados por duas; um vaso de flores; uma caixa cilíndrica; por três: uma moeda de níquel; um lápis cilíndrico. O dado de jogar é formado por seis superfícies; um esquadro, por cinco. As superfícies dos corpos podem ser planas ou curvas e dividem-se, portanto, as superfícies em planas e curvas (FREIRE, 1930, p.12-13).

Figura 2 - Superfícies



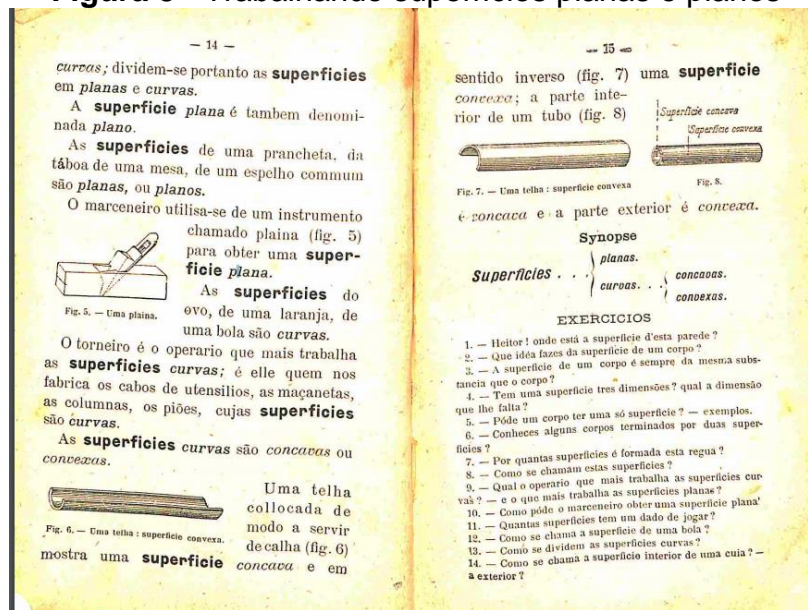
Fonte: Freire, 1930, p.12-13

Na sequência são mostradas as superfícies planas.

Freire (1930) descreve que a superfície plana é também denominada plano. As superfícies de uma prancheta, da tábua de uma mesa, de um espelho comum são planas ou planos. O marceneiro pode utilizar de um instrumento chamado plaina para obter uma superfície plana.

Exemplos assim encontram-se em situações da vida diária. O torneiro utiliza objetos de superfícies curvas; o pedreiro, ao construir um telhado, trabalha com as telhas e organiza a disposição das mesmas, observando detalhes de concavidade e dimensões. Objetos assim podem ser desenhados e mostrados às crianças ao estudar as figuras geométricas. Observa-se, na figura a seguir, a relação estabelecida com objetos do cotidiano.

Figura 3 - Trabalhando superfícies planas e planos

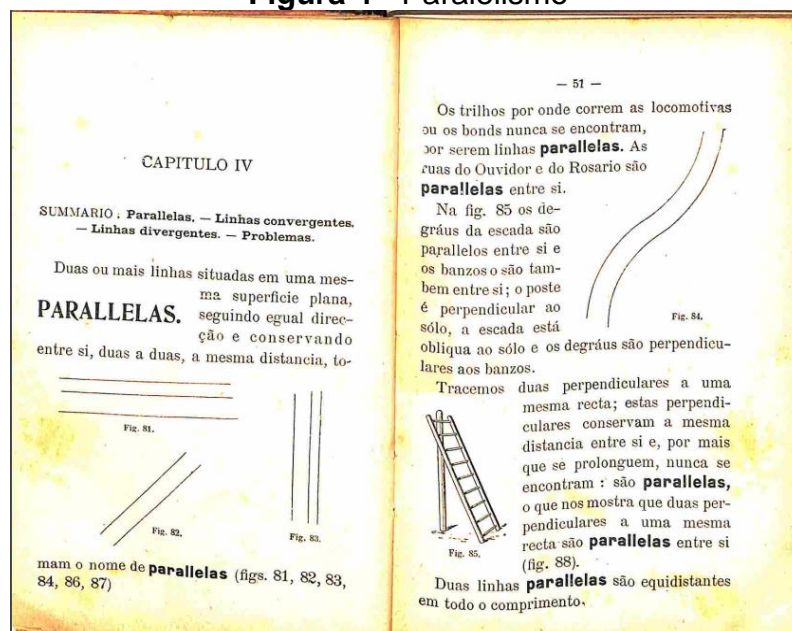


Fonte: Freire, 1930, p.14-15

As imagens apresentadas são desenhadas e mostram superfícies côncavas e convexas. Exemplifica explicando que uma folha colocada de modo a servir de calha mostra uma superfície côncava e em sentido inverso outra superfície, a convexa.

A figura que segue, compara retas paralelas, onde as noções de paralelismo são demonstradas em objetos da vida cotidiana.

Figura 4 - Paralelismo



Fonte: Freire, 1930, p. 50-51



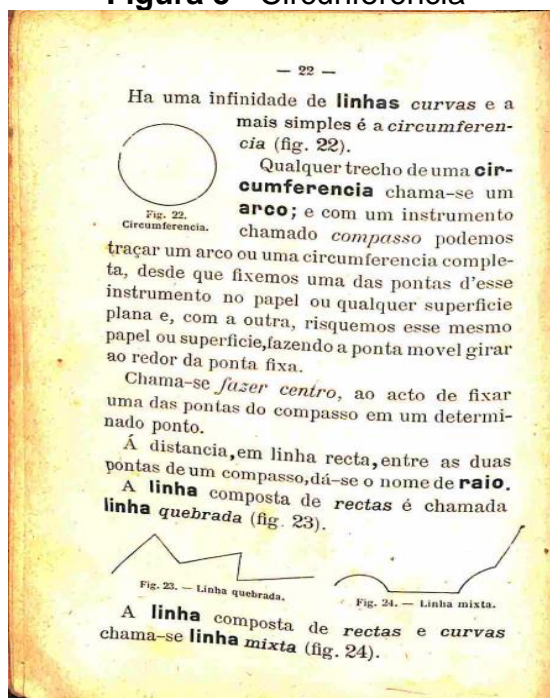
Observa-se que a geometria proposta tem um enfoque prático. Aparece ao relacionar os conceitos propostos com objetos e ferramentas utilizados na vida diária, destacando suas aplicações em algumas profissões, como a de marceneiro e torneiro, de acordo com o que se observa figura anterior.

Também é mostrado o estudo das construções geométricas com régua e compasso. Reafirma-se, assim, o uso da régua e do compasso ao longo de todo o estudo de Geometria Plana.

Ha uma infinidade de linhas curvas, e a mais simples delas é a circunferência. Qualquer trecho de uma circunferência chama-se arco; e com um instrumento chamado compasso pode-se traçar um arco ou uma circunferência completa.

Freire (1930) explica como traçar a circunferência com o auxílio do compasso: fixa-se uma das pontas desse instrumento no papel ou em qualquer superfície plana e, com a outra, risca-se esse mesmo papel ou superfície, fazendo a ponta móvel girar ao redor da ponta fixa. Chama-se fazer centro ao ato de fixar uma das pontas do compasso em um determinado ponto.

**Figura 5 - Circunferência**



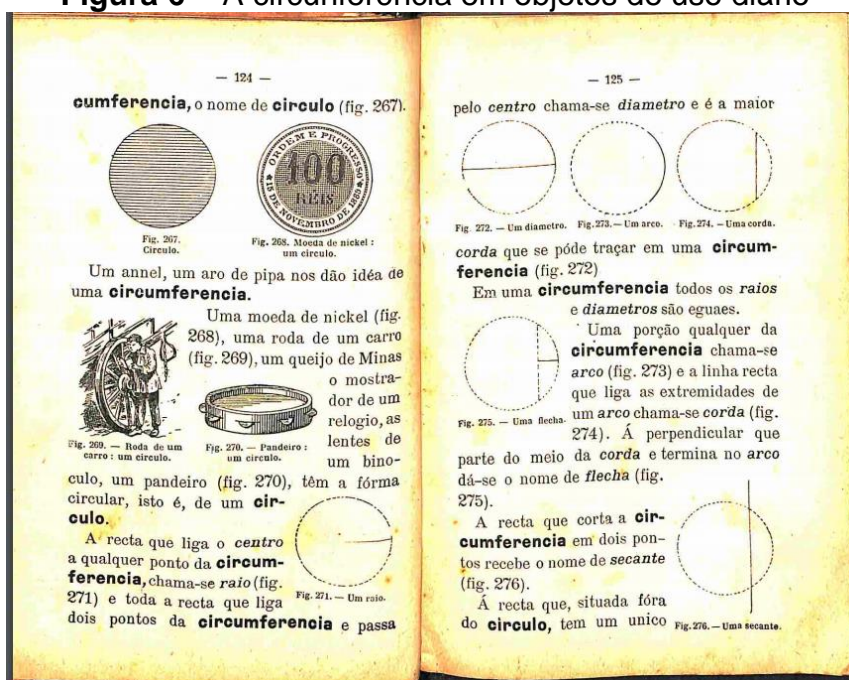
Fonte: Freire, 1930, p.22

O uso da régua e do compasso em atividades da vida cotidiana pode ser evidenciado nas atividades práticas.

Freire (1930) mostra, na sequência, os conceitos de circunferência e círculo, definindo assim:

Uma linha curva fechada, situada em um mesmo plano equidistante de um ponto interior, chama-se circunferência. A esse ponto interior dá-se o nome de centro da circunferência e à porção do plano, ou superfície plana limitada pela circunferência, o nome de círculo (FREIRE, 1930, p.123).

Figura 6 - A circunferência em objetos de uso diário



Fonte: Freire, 1930, p.124-125

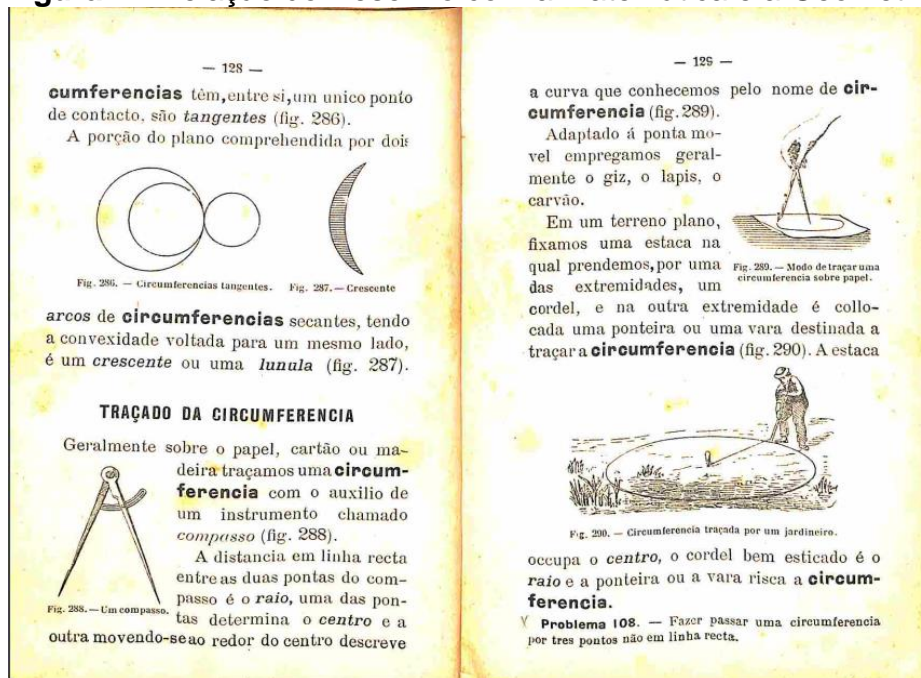
Nessa figura, Freire (1930) mostra imagens da circunferência em objetos disponíveis na vida diária. Exploram-se os conceitos geométricos e na sequência mostra-se o uso da régua e do compasso em situações práticas da vida; situações comuns naquela época, como calcular a medida da circunferência de uma roda com o auxílio de uma corda esticada a partir de um ponto fixo; calcular o diâmetro e o raio dessa mesma roda.

Da mesma forma, objetos como um anel, uma roda, uma moeda, são exemplos usados para dar a ideia de uma circunferência.

O Desenho aparece, então, auxiliando no traçado das figuras e as suas imagens, representadas pelas figuras, ajudam a construir e a ilustrar os conceitos matemáticos e geométricos desenvolvidos.

Veja-se o exemplo a seguir:

**Figura 7 - Relação do Desenho com a Matemática e a Geometria**



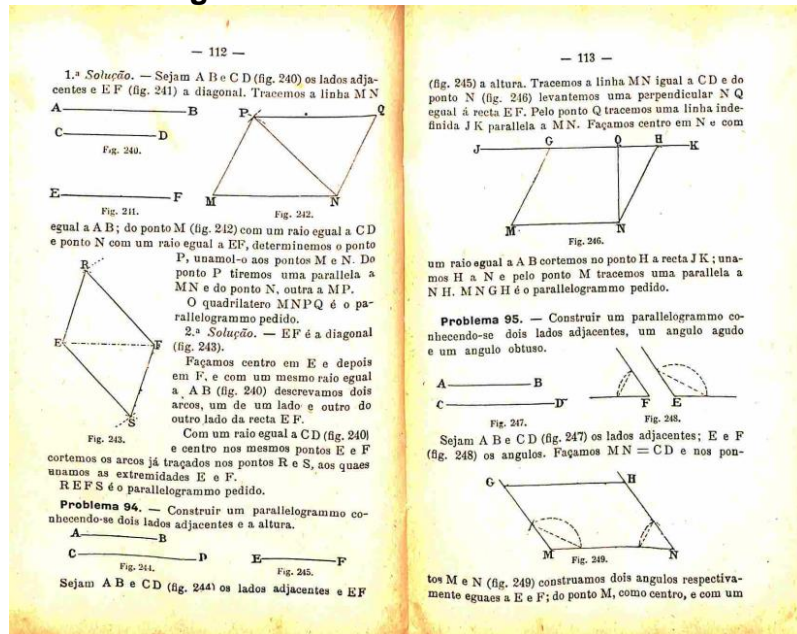
Fonte: Freire, 1930, p.128-129

Também é possível propor, por exemplo, que se faça passar uma circunferência por três pontos que não se encontram dispostos em linha reta como atividade prática para os alunos na sala de aula da escola. Desta forma, entende-se que as noções instrumentalizadas pelo Desenho são capazes de estabelecer uma relação com os fenômenos estudados pela geometria e matemática em diferentes situações.

Na sequência, as duas imagens ilustram as lições extraídas de Freire (1930), exemplificando tipos de atividades propostas para alunos na sala de aula. As atividades apresentadas nestes fragmentos ilustram a relação entre o Desenho e a Geometria. Desenha-se para calcular o raio e o diâmetro de uma circunferência e também para calcular o comprimento da mesma. Desenha-se para explicar os corpos no espaço; desenha-se para mostrar retas paralelas; desenha-se para contar, representar, enumerar, etc. Desenha-se, ainda, para explicar atividades propostas com figuras geométricas. O Desenho é uma matéria auxiliar presente entre os saberes matemáticos e geométricos. Para Leme da Silva (2014, p. 63): “casados durante uma centena de anos, foram separados no âmbito da cultura escolar do curso primário”.

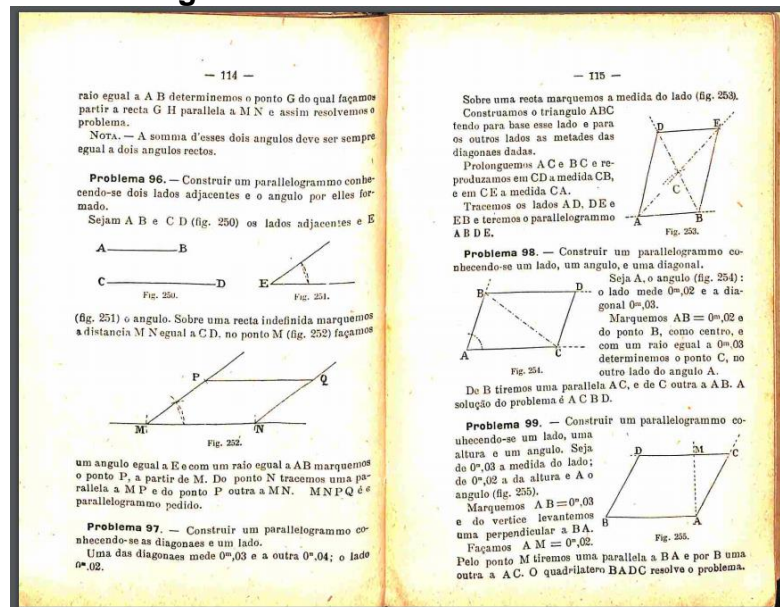


## Figura 8 - Atividades do desenho I



Fonte: Freire, 1930, p.112-113

## Figura 9 - Atividades do desenho II



Fonte: Freire, 1930, p.114-115

Nas décadas finais do século XIX e início do século XX, os métodos prescritos para o ensino primário brasileiro foram resultantes, em certa medida, de apropriações de modelos oriundos de outros países.



Segundo Santos e Guimarães (2016), “para Rui Barbosa o desenho era encarado pelos especialistas da pedagogia como um dos meios inquestionáveis mais importante da educação” (SANTOS e GUIMARÃES, 2016, p. 326).

Ainda para Santos e Guimarães (2016),

O desenho seria trabalhado pela reprodução pessoal das linhas, base de todo o método racional do desenho, a intuição da simetria, da regularidade, da harmonia de todas as formas (BARBOSA, 1946 *apud* SANTOS e GUIMARÃES, 2016, p. 326).

Com a chegada da República, no ano de 1889, o ensino primário é reformulado no Brasil, e a matéria denominada “desenho linear” deixa de assim ser reconhecida, passando a ser denominada *Desenho*.

Na sequência, propõe-se uma interlocução com o leitor a respeito da análise desenvolvida por este produto educacional sobre o papel do desenho no ensino.

***Professor, agora é com você.***

Como você vê as discussões apresentadas até então por este produto? A partir da sua prática em sala de aula, você consegue estabelecer alguma relação sobre a importância do desenho para o aprendizado escolar?

Use o espaço abaixo para registrar suas ideias.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

Uma mudança se inicia na virada do século XIX para o século XX, com a separação do Desenho e da Geometria, quando cada um deles passou a ter objetivos diferentes. O Desenho começa a ser trabalhado ao natural, de forma livre, sem a preocupação da utilização de instrumentos como régua e compasso.

Essas considerações são ilustradas, trazendo-se fragmentos colhidos na obra *Desenho Pedagógico* (1959), de Ariovaldo Silva. Observa-se que nessa obra, é

recomendado inicialmente trabalhar com traços verticais, horizontais e inclinados de forma livre - a mão livre e espontaneamente.

**Figura 10** - Traços horizontais e traços verticais, formando paralelas



Fonte: Silva, 1959, p. 22.

Desenho Pedagógico. Disponível em:

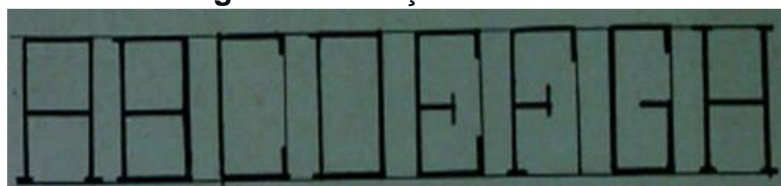
<<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/159284>>. Acesso em: 13 jun. 2018

Observe-se que no Desenho da figura acima as paralelas estão divididas em espaços iguais, determinando pequenos retângulos. O autor segue a sua proposição passando para o traçado de letras, mostrando que as letras são desenhadas sobre as paralelas divididas. A partir desses retângulos, ensaia-se o desenho das letras, tomando como ponto de partida os pontos dos retângulos.

As letras são desenhadas de várias formas, estabelecendo-se movimentos variados criados com uso do lápis. São desenhados traços verticais, horizontais, inclinados e arredondados.

A partir dessa consideração são apresentadas várias opções de modalidades para grafar letras e números, utilizando-se os atributos que envolvem o Desenho, sendo possível observar que essas letras são constituídas de segmentos verticais e horizontais, inclinados e curvos.

**Figura 11 - Traçado de Letras**



Fonte: Silva, 1959, p. 21.

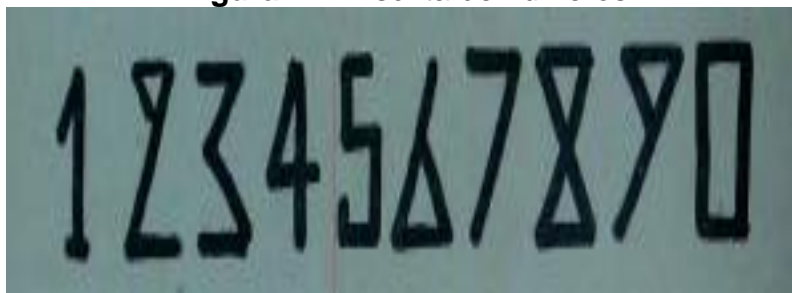
Desenho Pedagógico. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/159284>>.

Acesso em: 13 jun. 2018

Na sequência, segundo o autor, Silva (1959, p. 24), o movimento varia de acordo com o tipo da letra. “Algumas letras se apresentam com pequenas curvas que dão às letras certa leveza e elegância. Podemos apreciar os vários movimentos de lápis”.

Como as letras, os algarismos também podem ser desenhados segundo um tipo padronizado de bastão.

**Figura 12 - Escrita de números**



Fonte: Silva, 1959, p. 24.

Desenho Pedagógico. Disponível em:

<<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/159284>>. Acesso em: 13 jun. 2018

Ainda considerando os dizeres de Ariovaldo Silva (1959): “As figuras seguintes são modelos de letras bastonadas, com inclinação de 50 a 00 graus. A direção geral das inclinações pode ser obtida facilmente pela diagonal do retângulo, cuja base seja  $\frac{3}{4}$  de sua altura”. (SILVA, 1959, p. 24).

Na sequência, a figura 13 traz a ilustração do autor mostrando uma evolução no traçado que pode ocorrer com o formato das letras bastonadas.

**Figura 13 - Quarto modelo de letras bastonadas**



Fonte: Silva, 1959, p. 25.

Desenho Pedagógico. Disponível em:

<<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/159284>>. Acesso em: 13 jun. 2018

Em seguida, observa-se que as letras são constituídas de segmentos verticais, horizontais, retílineos e de pequenas curvas, mostrando-se na sequência as figuras de números 15 e 16, podendo-se demonstrar vários movimentos feitos a lápis.

**Figura 14 - Letras com movimentos variados**



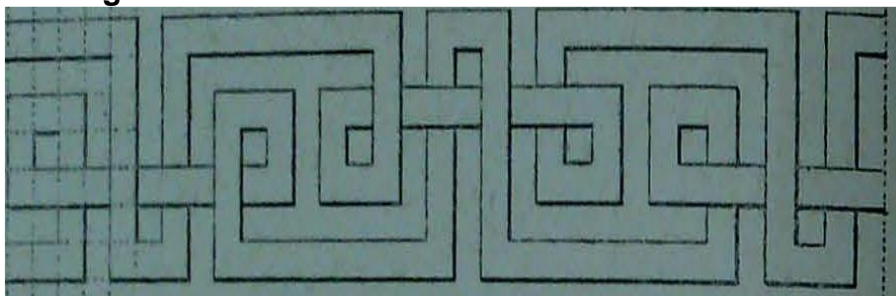
Fonte: Silva, 1959, p. 24.

Desenho Pedagógico. Disponível em:

<<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/159284>>. Acesso em: 13 jun. 2018

A seguir, apresenta-se ilustrações de desenhos decorativos. A figura número 15, abaixo, retrata linhas que partem de um ponto e dali seguem de maneira uniforme. A segunda imagem desta sequência (figura 16) possui linhas convergentes que chegam num mesmo ponto.

**Figura 15** - Modalidade de faixa decorativa - meandro



Fonte: Silva, 1959, p. 61.

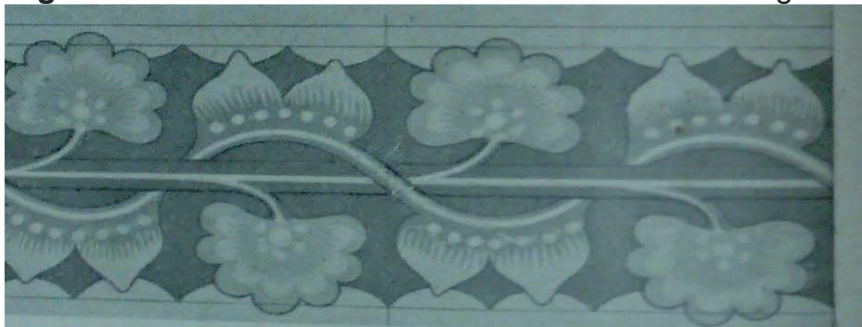
Desenho Pedagógico. Disponível em:

<<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/159284>>. Acesso em: 13 jun. 2018

Considerando-se as observações e análises contidas em Silva (1959), “as gregas são ornatos constituídos de segmentos retilíneos que se quebram normalmente em ângulos retos e o meandro é constituído de curvas em concordância, ou mesmo curvas em concordância com segmentos retilíneos” (SILVA, 1959, p. 62). O meandro é constituído de ritmo e sequência. Segue uma curvatura em “U” aberto, consequência da concordância. São desenhos feitos valendo-se da repetição e da alternância em faixas decorativas, resultando em figuras dotadas de simetria; na concordância e na aplicação à construção gráfica de curvas.

Observe-se que nessa figura são encontradas uma variedade de meandros, cabendo lembrar que o meandro se difere da figura da grega, embora se diga que sejam a mesma coisa. Pode-se dizer que uma grega e um meandro são figuras que apresentem certa afinidade, porque, tanto em um e em outro ornato, o motivo geométrico se repete na mesma sequência.

**Figura 16** - Modalidade faixa decorativa/linhas convergentes



Fonte: Silva, 1959, p. 58.

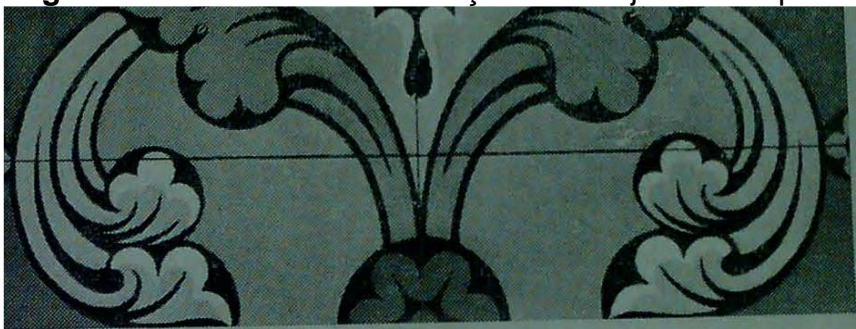
Desenho Pedagógico. Disponível em:

<<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/159284>>. Acesso em: 13 jun. 2018

Outra modalidade de faixa encontrada vem exemplificada em sequência. Ariovaldo (1959) apresenta essa modalidade ao sugerir que “[...] se desenhe um motivo qualquer e, com o auxílio de um espelho pequeno, colocado ao lado do motivo procure ver a imagem refletida. Esta formará com o desenho do papel combinações simétricas” (SILVA, 1959, p. 53).

Veja-se a ilustração:

**Figura 17** - Faixa decorativa traçada com ajuda de espelho



Fonte: Silva, 1959, p. 53

Desenho Pedagógico. Disponível em:

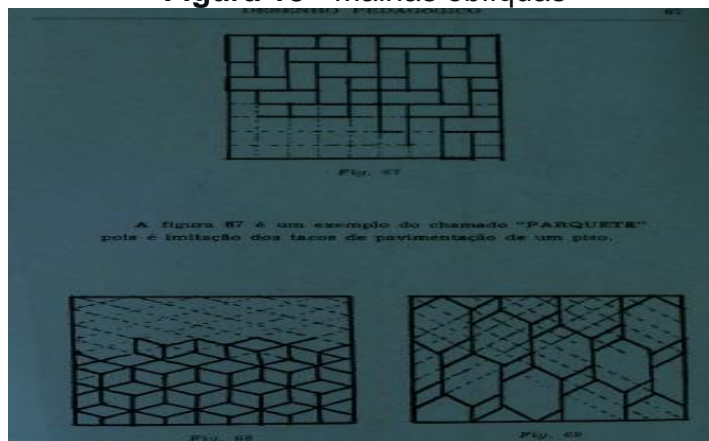
<<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/159284>>. Acesso em: 13 jun. 2018

Observa-se que o ensino do Desenho era trabalhado buscando a observação e a intuição do aluno de forma mais livre. Nota-se também uma variedade de comportamentos estimulados por diferentes técnicas e pelo aproveitamento da motivação. A obra retrata em suas imagens a importância do trabalho que buscasse envolver na atividade todos os setores da vida prática e diária. No prefácio da sua obra, Freire (1930) dizia: “[...] que esse livrinho condensasse, como um verdadeiro arquivo o maior número possível de modelos a respeito de assuntos que abrangessem todos os setores da vida”. (FREIRE, 1930, p.7).

Segundo Silva (1959, p. 67) “A rede de malhas consiste em um arranjo de retas que se cortam perpendicular ou obliquamente, podendo, ainda, ser constituída de perpendiculares e oblíquas combinadas. ” Na sequência, a figura 18 apresenta um exemplo de pavimentação de pisos.



**Figura 18 - Malhas oblíquas**



Fonte: Silva, 1959, p. 67. Desenho Pedagógico.

Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/159284>>.

Acesso em: 13 jun. 2018

A figura apresentada na obra citada é um exemplo do chamado "Parquet", pois é imitação dos tacos de pavimentação de um piso.

Observe-se que são trabalhadas as formas geométricas fundamentais e importantes para cobrir superfícies pavimentadas. As formas fundamentais das superfícies são o círculo, que contém variações até as superfícies elípticas e os polígonos em todas as suas modalidades, a começar do triângulo. Nos tempos de ensino do desenho para as crianças trabalhavam-se os conceitos de congruência, paralelismo, perpendicularismo e formas geométricas em diversos motivos.

O autor mostra que o professor na vida prática tinha oportunidades inúmeras de explorar diversos trabalhos com seus alunos, colecionando gravuras, figuras colhidas em jornais, recortando gravuras, desenhando modelos diferentes, desenhando animais, flores, figuras humanas, e outros elementos encontrados no ambiente ao redor.

Tal demonstração atesta os diferentes papéis que o Desenho pode assumir. Mostra também a trajetória que a disciplina assumiu e as transformações ocorridas em seu papel enquanto matéria escolar. Por essas razões, torna-se relevante o estudo do papel do Desenho nas grades curriculares do ensino fundamental.

Considera-se que o estudo da trajetória percorrida pelos saberes escolares no ensino brasileiro constitui uma condição essencial para a compreensão de matérias escolares, e que por isso é importante buscar entender a sua dinâmica.

De outro tanto, é possível perceber a diferença encontrada no Desenho nas obras do Olavo Freire (1930) e de Ariovaldo Silva (1959), que apresentam o Desenho

livre da condição de uso obrigatório da régua e do compasso. Este aparece sendo trabalhado através da observação, da imitação e da livre expressão. Não leva em conta a preocupação de uso necessariamente obrigatório da régua e compasso em todas situações, sendo possível trabalhar de forma natural, observando-se os objetos de uso do dia a dia. A prática do Desenho possibilita exercitar as diversas formas geométricas através da observação atenta, procurando representar características peculiares a cada elemento presente no ambiente do aluno.

O aprendiz ou aluno é capaz de desenhar intuitivamente, colhendo detalhes através da técnica de imitação e de reprodução, em traços no papel, da realidade a sua volta; aproxima-se do Desenho naturalmente, criando linhas, buscando posições no espaço; desenha-se números, estabelecendo-se simetrias; são criadas malhas, sendo possível estabelecer comparações e relações. O traçado das malhas determina um conjunto de figuras geométricas, formando, ora quadrados, ora triângulos ou retângulos, ou ainda polígonos de vários tipos. Os saberes escolares são explorados através da atividade de desenhar. Esse tempo aproxima-se das pretensões ditadas pelos tempos que se seguiram.

Considerando que a Lei Orgânica de 1946 é a primeira lei nacional dirigida ao ensino primário e também ao ensino normal, as legislações educacionais introduzidas acabaram por reorganizar o ensino em todo o país.

O Desenho passa a ser colocado, assim, entre os saberes escolares, ora trabalhado nos conteúdos desenvolvidos em língua pátria, ora em aritmética ou em história e geografia, bem como em ciências e higiene. Passa a exercer seu lugar ao lado das matérias de ensino, auxiliando-as e tornando-as mais acessíveis à compreensão das crianças.

Noutros tempos, cada uma das unidades da União fazia suas regulamentações educacionais sem nenhuma unidade de nação.



## **2 O QUE FOI A LEI ORGÂNICA DO ENSINO PRIMÁRIO?**

A Lei Orgânica do Ensino Nacional, sancionada em 02 janeiro de 1946, reorganizou todo o ensino primário no Brasil, instituindo as chamadas Diretrizes e Bases para o Ensino Primário e para o Curso de Formação de Professores Primários em todo o país, após a queda de Getúlio Vargas, em 20 de outubro de 1945. Até então, o ensino primário não havia recebido nenhuma atenção do governo nacional, já que como sistema de ensino estava ligado à administração dos estados, sujeitos às condições destes para legislar e inovar, ainda assentada na tradição da herança colonial. É possível observar que cada estado cuidava então do seu ensino primário de maneira própria, e que a falta de diretrizes centrais criava uma desorganização completa no sistema (ROMANELLI, 1992).

Esta apareceu num momento de crise política, quando da substituição do Estado Novo por um regime democrático. Respondendo pela presidência da república, José Linhares, e pelo ministério da educação, Raul Leitão da Cunha, promulgaram, dentre outros, o decreto-lei nº 8.529: a Lei Orgânica do Ensino Primário.

### **2.1 A Lei Orgânica para o Ensino Primário**

Essa legislação apresentava como finalidades para o ensino primário, a partir da aprovação do decreto-lei no. 8.529, de 1946, em seu artigo 1º:

- a) proporcionar a iniciação cultural que a todos conduza ao conhecimento da vida nacional, e ao exercício das virtudes morais e cívicas que a mantenham e a engrandeçam, dentro de elevado espírito de Naturalidade humana;
- b) oferecer de modo especial, às crianças de sete a doze anos, as condições de equilibrada formação e desenvolvimento da personalidade;
- c) elevar o nível dos conhecimentos úteis à vida na família, à defesa da saúde e à iniciação no trabalho. (BRASIL, 1946).

O ensino primário compreenderia duas categorias de ensino: a) o ensino primário fundamental, destinado às crianças de sete a doze anos; b) o ensino primário supletivo, destinado aos adolescentes e adultos.

O ensino primário fundamental seria ministrado através de dois cursos sucessivos: o elementar e o complementar. O curso primário elementar se articularia com os cursos de artesanato e com os de aprendizagem; e o curso primário complementar com os cursos ginásial; industrial, agrícola e de formação de regentes

de ensino elementar. Quanto ao curso supletivo, este se articulava com os cursos de aprendizagem agrícola e industrial e com os de artesanato.

Para o ensino primário elementar, a legislação prescrevia que as disciplinas de Desenho e os Trabalhos Manuais fariam parte dos quatro anos do curso. Fazia também parte do conjunto de disciplinas no primário: a leitura e a linguagem oral e escrita; a iniciação matemática; geografia e história do Brasil; conhecimentos gerais aplicados à vida social, à educação para a saúde e trabalho; canto orfeônico e educação física.

Para o Curso Primário Complementar, o artigo 8º do decreto-lei 8. 529 prevê:

O curso primário complementar, de um ano, terá os seguintes grupos de disciplinas e atividades educativas: Leitura e linguagem oral e escrita; Aritmética e geometria; Geografia e história do Brasil e noções de geografia geral e história da América; Ciências naturais e higiene; Conhecimentos das atividades econômicas da região; Desenho; Trabalhos manuais e práticas educativas referentes às atividades econômicas da região; Canto orfeônico e Educação física (BRASIL, 1946).

No primário complementar, as alunas (sexo feminino) aprenderiam ainda noções de economia doméstica e de puericultura.

Do curso primário supletivo, destinado aos adolescentes e adultos, com duração de dois anos, constavam as seguintes disciplinas: leitura e linguagem oral e escrita; aritmética e geometria; geografia e história do Brasil; ciências naturais e higiene; noções de direito usual (legislação do trabalho, obrigações da vida civil e militar) e Desenho. Para as alunas também estavam previstas atividades ligadas à economia doméstica e puericultura.

Pela Lei Orgânica de 1946, a disciplina de Desenho assume a rubrica Desenho e trabalhos manuais para o curso primário elementar. Entretanto, quanto ao curso primário complementar, os trabalhos manuais, segundo a lei, passam a constituir outra disciplina, agregando práticas educativas referentes às atividades econômicas características da região.

Segundo Romanelli (1992), na prática, “o ensino primário fundamental acabou por resumir-se no ensino primário elementar, por falta de condições objetivas de funcionamento do ensino complementar”. (ROMANELLI, 1992, p.163)

No curso primário supletivo os trabalhos manuais não aparecem agregados à disciplina de Desenho. Segundo a legislação, o ensino primário supletivo atenderia tudo quanto pudesse ser feito no sentido do melhor ajustamento social de

adolescentes e adultos. Notadamente, essa formação dava atenção ao Desenho, por se tratar de um curso de dois anos de duração, privilegiando-se sua presença entre outras disciplinas.

Vale ressaltar a ênfase dispensada às finalidades do ensino primário pelo decreto-lei 8.529, no seu art. 25. “O ensino primário tem por fim o desenvolvimento do raciocínio e das atividades de expressão da criança, e a sua integração no meio físico e social”. (BRASIL, 1946).

A partir da análise da legislação da época, Schinniger (2016) destaca que:

[...] para atender às orientações gerais para o ensino primário fundamental, este deveria desenvolver-se de modo sistemático e graduado segundo os **interesses naturais da infância; revelar as tendências e aptidões dos alunos** bem como apoiar-se nas realidades do ambiente para sua proveitosa utilização (SCHINNIGER, 2016, p. 6, destaque nosso).

Ainda com base nas leituras e estudos previstos a partir da legislação pode-se dizer que o ensino primário fundamental deveria atender aos interesses da criança, considerando seus dotes e aspirações. O ensino do Desenho mostrava-se parceiro para essa contribuição. A criança demonstra, por sua natureza, que gosta de desenhar, brinca ao desenhar e revela-se ao desenhar.

O ensino do desenho é tratado de forma ampla, a fim de auxiliar a criança na concepção de ideias e conceitos, no espírito infantil, na criatividade, podendo exercer de forma lúdica atividades que refletem a vida prática. A criança escreve, desenha e representa suas ideias.

O quadro a seguir apresenta a distribuição da carga horária da disciplina de Desenho, segundo a Lei Orgânica do ensino primário de 1946.

**Quadro 1 - Disciplina Desenho e modalidades ao longo do curso primário**

<b>Primário Elementar</b>	<b>Desenho e Trabalhos Manuais</b>	<b>Primário Complementar</b>	<b>Desenho</b>	<b>Supletivo</b>	<b>Desenho</b>
1ª série	x	1ª série	x	1ª série	x
2ª série	x			2ª série	x
3ª série	x				
4ª série	x				

Fonte: Lei Orgânica do Ensino Primário, 1946

A Lei Orgânica do ensino primário de 1946 reformulou o ensino primário em todo o país, que fica constituído do ensino primário fundamental - compreendido entre o elementar (com duração de 4 anos) e o complementar (com a duração de 1 ano). A modalidade de ensino supletivo também passa a ser oferecida por um período de 2 anos (SAVIANI, 2001).

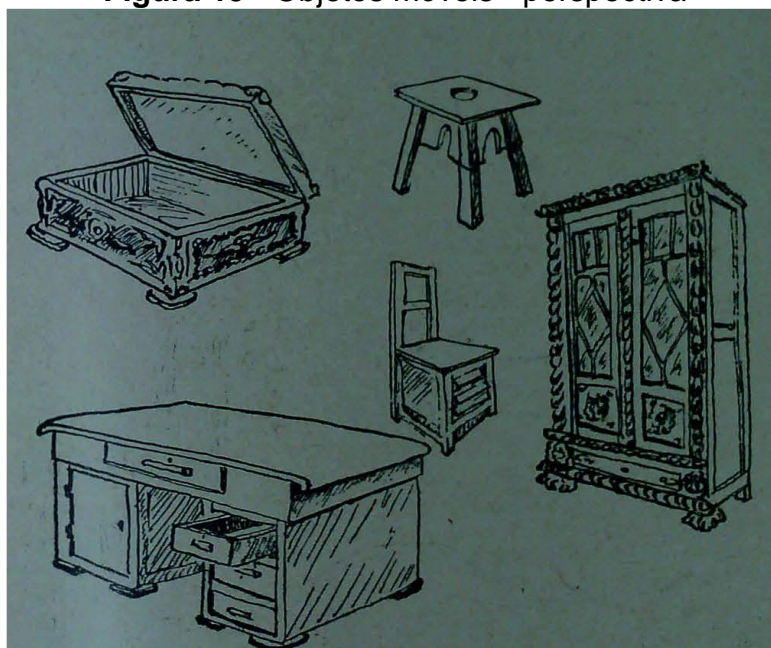
No primário elementar, nas quatro séries do curso, verifica-se o ensino do Desenho como disciplina; o primário complementar, compreendido de apenas uma série também é contemplado pelo estudo do Desenho, assim como o supletivo, dividido em duas séries. Em suma, o Desenho, a partir dessa lei estava presente em todas as modalidades e séries do ensino primário. O trabalho com as normativas reforçou a percepção da relação entre os saberes matemáticos e o desenho.

A Lei Orgânica do ensino primário regulamentou as diretrizes e bases para o ensino do Desenho em todo o país. Estabeleceu o ensino do Desenho como matéria auxiliar, ao lado de outras, todas indispensáveis ao ensino dos saberes elementares matemáticos. A legislação, assim, passa a reconhecer o Desenho como um saber escolar, trabalhado como forma de expressão, observação e intuição na escola. Reconhece também a sua importância como saber de formação, pois se alinha às finalidades postas para o ensino primário, considerando-o um saber necessário e preliminar à iniciação profissional após a escola.

Mais particularmente, entende-se que os saberes matemáticos adotam determinadas perspectivas para seu ensino, sendo preciso construir significados para as práticas e representações em que processos educativos-pedagógicos são envolvidos, assim como para buscar compreender as diferentes perspectivas e propostas para seu ensino de acordo com cada época e em razão das mudanças transcorridas em cada tempo. Interessa aqui a complexidade mostrada nas propostas pedagógicas desenvolvidas pelo ensino.

A seguir, são apresentadas algumas imagens de desenhos selecionadas da obra *Desenho Pedagógico*, de autoria de Ariovaldo Silva, 1959. Essas imagens constituem objetos móveis derivados de formas geométricas. Muitos deles, podem e devem ser desenhados sob os princípios de perspectiva. Outros elementos poderão ser trabalhados sob o aspecto de corpos mistos, aos quais se poderá sempre associar senão uma única, mas um conjunto de formas geométricas (SILVA, 1959).

**Figura 19 - Objetos móveis - perspectiva**



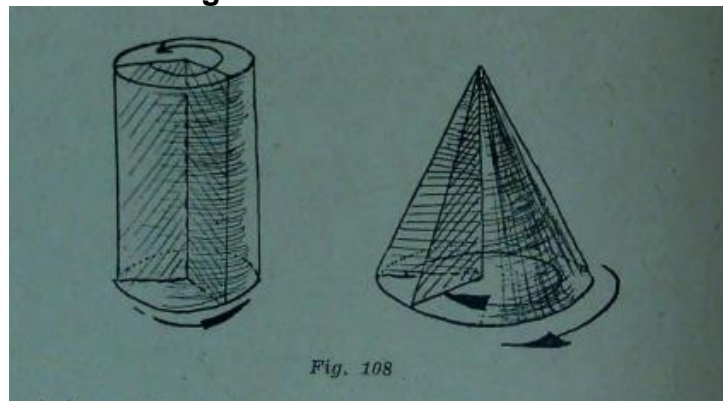
Fonte: Silva, 1959, p. 91. Desenho Pedagógico. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/159284>>. Acesso em: 13 jun. 2018

Esses objetos encontram-se, em parte, na vida cotidiana da criança; são utilizados de maneira rotineira, dotados de utilidades, podendo estabelecer relações com os saberes matemáticos, sendo encontrados tanto nas formas geométricas disponíveis nas imagens de uma cama, de um guarda roupa, de uma banqueta, de uma cadeira, de uma mesa ou de um cesto, por exemplo, conforme ilustrado nas figuras acima. Seleccionadas, essas formas são facilmente identificadas, podendo também ser considerada a relação lúdica que oferecem ao serem trabalhadas com a criança.

Nas histórias contadas ou narradas, a criança vivencia a oportunidade de desenhar castelos, fadas e flores; brinca com as estórias de conto de fadas, e desenha estudando. Também de maneira integrada aos ensinamentos da matemática, o aluno mede, compara, estabelece relações entre as propriedades das figuras e as suas peculiaridades.

As figuras geométricas dispostas na sequência representam dois sólidos geométricos de revolução: o cilindro, gerado por um retângulo, e o cone, gerado por um triângulo, sendo que ambos têm superfície plana e curva. Pode-se verificar que a superfície curva de ambos constitui o círculo.

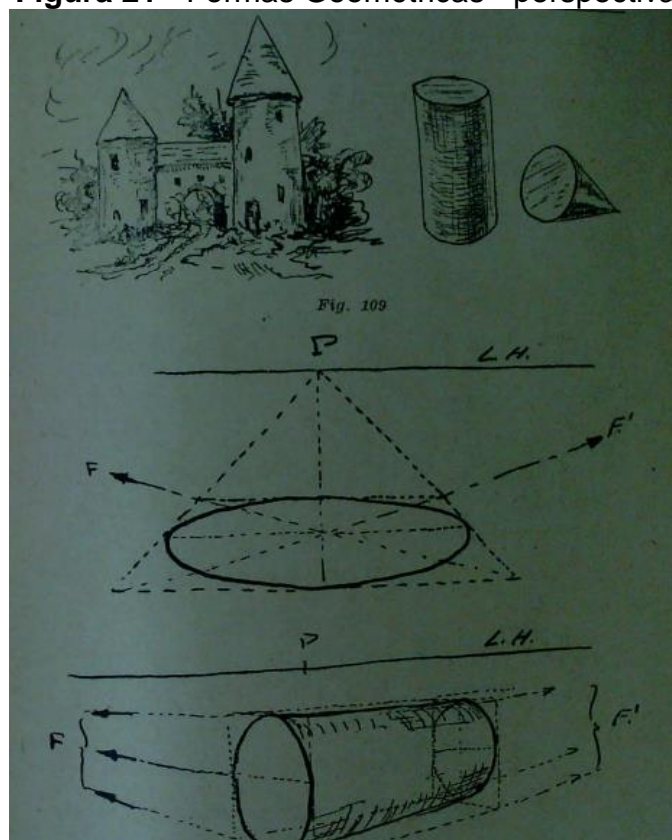
**Figura 20 - Cilindro e cone**



Fonte: Silva, 1959, p. 104. Desenho Pedagógico. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/159284>>. Acesso em: 13 jun. 2018

As imagens geométricas aparecem ilustradas no castelo. Também em perspectiva, desenhando-se.

**Figura 21 - Formas Geométricas - perspectiva**



Fonte: Silva, 1959, p. 105. Desenho Pedagógico. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/159284>>. Acesso em: 13 jun. 2018

O Desenho pode assumir diferentes papéis. Auxilia no ensino da matemática; no ensino da geometria e acompanha as atividades pedagógicas diversas. Constitui um instrumento que permite estabelecer diferentes relações entre os saberes escolares, apresentando-se também como ferramenta metodológica lúdica. Considerando a inter-relação de conhecimentos específicos encontrados entre os saberes ministrados em Língua Pátria, Matemática, em Geografia e História e em Ciências e Higiene e na formação, o Desenho pode ser utilizado como método para despertar o interesse e o gosto da criança por desenhar, apresentando-se, desse modo, com certo grau de sofisticação.

### 3 OS PROGRAMAS EM EXPERIÊNCIA EM MINAS GERAIS

Para o desenvolvimento do conteúdo analisado por este produto, foram considerados também os Programas de Ensino do estado de Minas Gerais, publicados entre os anos de 1940 e 1950.

Os Programas em Experiência oficializados nas décadas de 1940, e reeditados em 1948 para o curso primário mineiro, trouxeram o estudo do desenho, os Trabalhos Manuais e a Modelagem agregados às demais matérias, organizados por áreas de ensino: Trabalhos Manuais com Língua Pátria; Trabalhos Manuais com Aritmética e Geometria; Trabalhos Manuais com Ciências e Higiene; Trabalhos Manuais com História e Geografia. Nesse contexto, o Desenho não se constituía, ainda, como uma matéria independente na grade curricular, sendo desenvolvida de maneira agregada às demais matérias do ensino fundamental. Nos enunciados do próprio programa, Desenho, Trabalhos Manuais e Modelagem: “São instrumentos indispensáveis à fixação de fatos já compreendidos, meios valiosos de ideias abstratas, motivos para novos estudos novas instruções”. (REVISTA DO ENSINO, 1948, p. 237).

Esse programa trouxe diretrizes pedagógicas para ensino de *Desenho* nas escolas primárias de Minas Gerais, mostrando a sua importância pedagógica, assim como o valor do contato dos alunos com os conteúdos ensinados em Trabalhos Manuais e Modelagem. A justificativa para a reedição baseia-se na compreensão que o referido programa teve expressivo acatamento e aceitação por parte da comunidade escolar. De acordo com o que foi registrado na introdução da reedição de 1948, a expressiva procura pelo público foi motivo de atenção dos educadores da época, observando-se na oportunidade que as edições de publicação também se viram esgotadas.

A título de exemplificação, pode-se lembrar a Revista do Ensino (1950) que traz também em sua pauta a transcrição de todos os programas publicados nos anos anteriores. (REVISTA DO ENSINO, 1950, p. 716).

A análise desses programas possibilitou verificar que o ensino do desenho apareceu como processo de *expressão*, sendo a sua principal finalidade justamente estar ao lado das outras matérias, auxiliando-as, tornando-as mais interessantes e acessíveis à compreensão infantil. Enquanto a criança desenha, este processo lhe proporciona observar planos inclinados, verticais, linhas, formas geométricas, e resolver situações imprevistas. Ainda segundo os programas, o desenho desponta



com importância no ensino pelo fato de contribuir para a formação geral das crianças, compreendendo as finalidades postas para o curso primário e apresentadas pela Lei Orgânica de 1946.

Sobre o tema, na Revista do Ensino (1948) lê-se que:

Como processo de *expressão* e material *intuitivo* a sua grande finalidade é justamente estar ao lado das outras matérias auxiliando-as, tornando-as mais interessantes e acessíveis à compreensão infantil concretizando e completando conhecimentos (REVISTA DO ENSINO, 1948, p. 238, grifos da publicação).

Ainda é possível encontrar no Programa em Experiência publicado pela Revista do Ensino (1948) os seguintes dizeres:

É o processo educativo compreendido em seus elementos fundamentais, de um lado a criança - ser imaturo preso ao seu mundo físico e afetivo, indiferente ao que não tem relação com a sua vida, e, do outro, a experiência adulta condensada em fatos, princípios e leis, visando a alcançar certos valores morais, sociais e cívicos (REVISTA DO ENSINO, 1948. p. 151).

Considerando-se as finalidades postas para o curso primário, que compreende um ensino dirigido à formação da vida do aluno, os saberes envolvidos nesse ensino apresentam-se de modo a mostrarem sua utilidade depois da escola. Caracterizam-se em caráter de iniciação, não devendo nada aos saberes de referência. No entanto, integrando um ensino formativo, propedêutico, educativo, os saberes matemáticos propostos tornam-se elementos integrantes dessa formação.

O presente estudo examinou documentos oficiais publicados na década 1940 e 1950, o que possibilitou verificar que o *desenho* esteve presente nas normativas dos cursos primário (elementar; complementar e supletivo). Apareceu como processo de *expressão* e a sua grande finalidade foi justamente estar ao lado das outras matérias auxiliando-as, tornando-as mais interessantes e acessíveis à compreensão infantil.

### **3.1 Programa em Experiência: Minas Gerais – 1948**

O Programa em Experiência publicado na Revista do Ensino em 1940, e reeditado em 1948, trouxe diretrizes pedagógicas para ensino de *Desenho* nas escolas primárias de Minas Gerais. Esse Programa mostra a importância pedagógica do ensino de atividades como o desenho, trabalhos manuais e modelagem. O programa apresenta diretrizes para as quatro séries do nível primário, apresentando

os assuntos divididos por semestre e de forma implícita com os objetivos a serem alcançados ao final de cada uma das séries. Compreende três áreas de ensino: Língua Pátria, Estudos Sociais e Ciências, e Aritmética que devem ser trabalhadas de forma articulada às matérias do curso. O Programa em Experiência implementado nas escolas mineiras imprimiu efetiva ampliação das possibilidades de se trabalhar com o desenho nas matérias do curso primário.

Com a articulação dessas áreas - Língua Pátria, Estudos Sociais e Ciências e Aritmética - depreende-se que na prática desencadeia-se um processo de uso de métodos pedagógicos, levando o cotidiano das práticas escolares a incorporar novas formas de organizar e estruturar conteúdos a serem ensinados. Nessa perspectiva, os trabalhos manuais desempenharam papel relevante, como pode ser verificado inicialmente pela ênfase e detalhamento dados a esses conteúdos com relação aos componentes curriculares: Trabalhos Manuais e Língua Pátria; Trabalhos Manuais e Aritmética; Trabalhos Manuais e Ciências e Higiene; Trabalhos Manuais e História e Geografia.

Ainda com relação aos enunciados presentes à introdução dos Programas, o desenho aparece como instrumento de auxílio à aprendizagem infantil. Essa orientação reforça a importância do desenho como matéria auxiliar, trabalhada ao lado de outras disciplinas. O pressuposto para o seu ensino é a constatação do interesse natural da criança; o processo de desenhar se manifesta de maneira livre, de forma espontânea, e fundamenta-se em despertar a curiosidade e os dotes da criança nesse sentido.

Da mesma forma que os desenhos rupestres tiveram um importante papel para a humanidade primitiva, como registro e manifestação cultural, para a criança constitui o meio de expressão mais acessível. Os registros em forma de desenho datam de muitos séculos atrás como forma de expressão humana. Evidenciados como forma de expressão, compreendem aspectos do comportamento humano relativos à observação, atenção, curiosidade, intuição e espontaneidade, dentre outros requisitos, articulados a essas características.

Segundo as propostas dos programas escolares, os cursos de Desenho, Trabalhos Manuais e Modelagem compreendem atividades dotadas de instrumentos indispensáveis para a fixação de ideias e fatos já estudados e compreendidos, podendo também motivar novas aprendizagens. Tais conteúdos não devem caracterizar uma sobrecarga à rotina escolar, e nem tampouco serem considerados

matérias independentes, devendo ser trabalhados prioritariamente de forma integrada aos temas e matérias das áreas de ensino.

O ato de desenhar/construir exige da criança a utilização de saberes matemáticos em processo de aprendizado. Enquanto desenha, a criança mede, compara, constrói, calcula e estabelece relações com as formas geométricas. Ao desenhar a criança identifica e utiliza conceitos matemáticos.

Também de acordo com os programas de educação as áreas de ensino sugerem o desenvolvimento das atividades em tópicos como: desenhar, fazer, colorir, ilustrar, recortar, selecionar, agrupar, ressaltando que essas categorias se modificam de acordo com a área ministrada.

Nas indicações para cada série são evidenciados os conteúdos a serem trabalhados de forma ilustrativa. As atividades sugeridas são descritas por itens e os detalhes são indicados de forma abrangente, de modo a atender a relação a ser estabelecida entre as áreas de ensino.

Recomendava-se pelos programas de ensino da época trabalhar os conteúdos de forma a enfatizar as aptidões dos alunos, seus interesses e curiosidades. Importa conhecer a criança em sua fase de desenvolvimento, valorizando seu universo e o que lhe desperta interesse. Assim, o desenho era trabalhado de forma livre e espontânea, de modo a dar oportunidade para que a criança pudesse revelar suas experiências, intuições e aptidões. Deveria também estar de acordo com as possibilidades e infraestrutura presentes nas escolas, explorando atividades como jardinagem, horticultura, avicultura, bordado, marcenaria, entre outras.

O Desenho como matéria no curso primário caracterizou-se como forma de expressão, sendo trabalhado na produção e na aplicação de aprendizado adquirido, não somente em conhecimentos gerais aplicados à vida social, como também à educação para o trabalho, para a vida prática após a escola.

Os trabalhos manuais são atividades executadas 'com' e 'pelas' mãos, de forma artesanal, estão presentes nas escolas de primeiras letras, desde a primeira lei de instrução pública do Império, datada de 15 de outubro de 1827.

Os motivos trabalhados nas disciplinas que envolvem o desenho e trabalhos manuais, são criados através de bordados e em enfeites para a casa. Desde cedo, pela divisão cultural presente nas sociedades humanas, as meninas bordam, costuram, exercem atividades em pintura; aprendem a cozinhar, tecer e bordar; são educadas e formadas para exercer atividades do cotidiano atribuídas ao universo

feminino, assim como os meninos devem se dedicar às atividades consideradas masculinas, como a carpintaria, a pecuária e parte do trabalho agrícola, entre outras.

As atividades presentes em Trabalhos Manuais estão vinculadas ao ensino voltado para a formação e educação do dia a dia. Também aparecem vinculadas ao Desenho e Modelagem, caracterizando-se como matéria auxiliar por área de ensino.

**Figura 22 - Faixas decorativas I**



Fonte: Silva, 1959, p. 57. Desenho Pedagógico.  
Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/159284>>.  
Acesso em: 13 jun. 2018

É possível compor uma faixa decorativa com o emprego de qualquer elemento ornamental.

**Figura 23 - Faixas decorativas II**



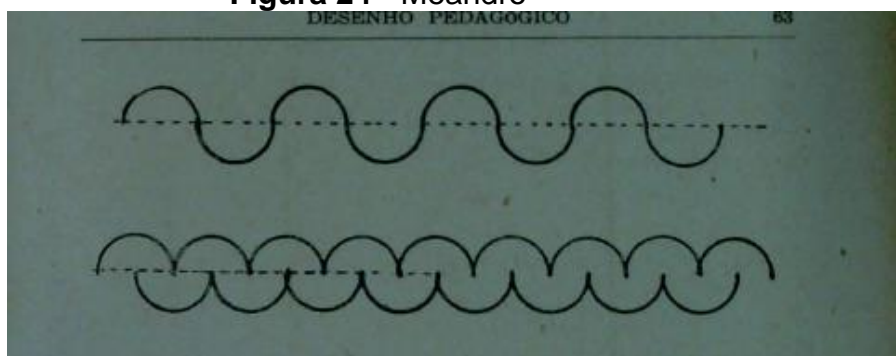
Fonte: Silva, 1959, p. 56. Desenho Pedagógico.  
Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/159284>>.  
Acesso em: 13 jun. 2018.

Silva (1930) lembra que:

Nas figuras seguintes pode se ver que o motivo repetido dentro das paralelas, quer se trate de uma simples repetição intervalada ou quer se trate de uma superposição ou mesmo de entrelaçados está sempre contidos em divisões iguais. (SILVA, 1930, p. 57).

Assim como a grega, o meandro está condicionado ao ritmo.

**Figura 24 - Meandro**



Fonte: Silva, 1959, p. 63. Desenho Pedagógico. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/159284>>. Acesso em: 13 jun. 2018

### **3.2 Programa para o Ensino Primário Elementar de Minas Gerais – 1957**

O programa de ensino publicado pela imprensa oficial de Belo Horizonte, no ano de 1953, e republicado em 1957 e em 1961, foi assinado por Odilon Behrens, então Secretário da Educação de Minas Gerais.

Esse programa manteve as diretrizes gerais pedagógicas em relação ao anterior, do ano de 1940, republicado pela Revista do Ensino em 1948. Analisando-se o documento, percebe-se que o mesmo enfatiza o estabelecimento de uma relação entre as áreas de aprendizado, reforçando que o ensino do desenho oferecesse uma base para outras matérias, e devia ser trabalhado de forma integrada as mesmas. O estudo do desenho manteve-se vivo durante esse período, valorizando a espontaneidade e a expressão infantil, contribuindo para despertar o interesse dos alunos em registrar de forma livre suas aptidões; manteve-se estruturado nos conteúdos estudados ao longo do curso, conservando as considerações preliminares do programa de 1940.

Historicamente, é possível compreender a presença do Desenho nas normativas oficiais mineiras das décadas de 1940 e 1950. Foi possível identificar que

o Desenho exerceu uma influência importante como matéria no curso primário, estando atrelado às matérias escolares organizadas por áreas de ensino.

O Desenho já figurava com preponderância nos programas oficiais de ensino no Brasil do século XIX; aparecia como desenho de ornato, desenho de figuras e formas; desenho à mão livre. Enquanto saber matemático esteve presente nos currículos brasileiros.

Ainda sobre os cursos de Desenho, Modelagem e Trabalhos Manuais para o primário elementar, tratava-se de satisfazer ao propósito de atender às necessidades da vida hodierna após a escola, ao trabalho utilitário desenvolvido em caráter rudimentar, de iniciação, não devendo nada aos saberes de referência.

Este texto leva em consideração o professor dos anos iniciais dos cursos escolares, sendo o objetivo aqui mostrar um pouco da história do ensino primário das décadas passadas, entre 1940 e 1950, e do papel do desenho nessa formação. As tendências no campo da educação matemática já contemplam temas ligados à história da matemática na formação dos professores. O desenho aparece como um recurso, uma ferramenta auxiliando nesse processo e na construção do conhecimento.

À medida que a criança desenha, ela mede, compara, analisa, calcula, expressa uma determinada linguagem, cria, revela suas aspirações e desejos, imita, copia e inventa. Ao desenhar uma casa, por exemplo, ela pode medir, comparar tamanhos e proporções, estabelecer simetrias. Ao colorir, a criança pode identificar diferentes cores para os elementos da natureza, assim como pode criar livremente, optando por abolir as cores prováveis, atribuindo-lhes outras. No ato de desenhar, a criança inventa, cria e recria.

A prática do desenho contribui para o desenvolvimento da coordenação motora fina da criança, necessária à aprendizagem da linguagem escrita e também para a expressão individual característica de cada indivíduo; induz a criança a registrar, exercitar e aperfeiçoar o seu conhecimento e sua percepção do mundo.

**Figura 25** - Atividade de expressão - desenho livre



Fonte: Lu Rosa. Educação em Ação, 2016  
Disponível em: <<http://luosapedagogia.blogspot.com/2016/02/desenho-livre.html>>.  
Acesso em: 5 fev.2018.

Tanto a leitura quanto a análise dos programas dos anos iniciais de ensino podem revelar diferentes aspectos relativos aos processos e dinâmicas de aprendizado dos saberes elementares. Nessa perspectiva é que o presente produto, assim como a dissertação que lhe deu origem, desdobram-se para compreender o que esses programas escolares propunham nas décadas de 1940 e 1950 para o desenvolvimento infantil, através do ensino de Desenho como forma de expressão e observação, como intuição e aprendizagem; assim como para compreender a contribuição dada pelo desenho como proposta de ensino, enquanto atividade a ser trabalhada na escola de forma livre e espontânea, articuladamente a outras áreas de conhecimento. A diversidade de possibilidades pedagógicas que o desenho oferece é amplamente difundida entre os saberes escolares, em diferentes perspectivas.

#### **4 Os Trabalhos Manuais e o Desenho nos Programas em Experiência**

Os Trabalhos Manuais e o Desenho nos programas em experiência estabeleceram uma relação muito próxima e coesa. Assim como a Modelagem, dão suporte às diversas áreas de ensino, trabalhadas encadeadamente e apresentadas em caráter metodológico, em apoio às diversas matérias do curso primário.

É possível compreender que o Desenho também foi trabalhado de forma integrada aos Trabalhos Manuais. As atividades propostas pelo Programa em Experiência apareciam entrelaçadas às atividades do curso de Trabalhos Manuais, com ênfase nas tradições culturais locais, regionais e nacionais. Em Língua Pátria e Trabalhos Manuais, por exemplo, pode-se ressaltar que era explorada a atividade de leitura de forma associada à representação dos temas em desenhos e confecção de quadros com esses conteúdos.

Entre as atividades utilizadas em aritmética, era comum desenhar frutas e representá-las, elaborando cartazes; da mesma maneira, desenhando e confeccionando o relógio com a marcação das horas, minutos e segundos.

Das atividades compreendidas entre as disciplinas do curso de Geografia e História faziam parte a montagem de maquetes de estábulos, de hortas, o estudo dos produtos regionais provenientes da agricultura, a pecuária e a culinária. Também se fazia presente nessas tarefas o estudo dos aspectos regionais e geográficos da região, levados em consideração nas atividades de confecção de artefatos peculiares aos costumes da zona rural, como, por exemplo, os samburás e as sacolas de palha.

É possível elencar um rol de atividades desenvolvidas por disciplinas nas quais se sobressaía o cuidado com tais elementos típicos, regionais e culturais, fosse no arranjo e ornamentação da sala de aula ou na organização da biblioteca da classe - com um espaço destinado ao clube de leitura (com estantes, banquetas, quadros com gravuras, vasos com plantas, etc.). Todas essas atividades apresentavam-se de forma bem diversificada, reforçando as condições necessárias à iniciação da vida cotidiana, observada também na prática de confecção dos “diários individuais”. Ao confeccionar suas próprias cadernetas e cadernos escolares, oferecia-se as relações de aprendizagem do aluno em diversos contextos, históricos, sociais ou cívicos.

A criança confeccionava seu próprio caderno escolar, sua caderneta, desenvolvendo suas habilidades manuais, realizando tarefas e participando de suas ferramentas de aprendizado. Da mesma forma, na arte de bordados, também a



criança podia exercitar suas aptidões criativas, desenvolvendo o gosto pelo trabalho manual, escolhendo e combinando cores, linhas e traçados.

Segundo o programa na Revista do Ensino (1948),

Na realização de trabalhos manuais, como de quaisquer outros trabalhos, deve aproveitar-se e estimular a iniciativa do aluno, inclusive a de compor o motivo para o bordado, a ilustração, o recorte, a idealização da peça, etc. (REVISTA DO ENSINO, 1948, p. 359).

Os Trabalhos Manuais representavam uma forma de expressão lúdica, quando a criança brincava e confeccionava diversos objetos; criava, inventava, copiava, produzia e ainda podia ampliar figuras ao reproduzi-las.

As histórias exploravam a criatividade do aluno: fosse desenhando, colorindo ou criando peças; montando, decorando ou valendo-se de suas próprias habilidades manuais e inventividade. Montando álbuns, livrinhos e confeccionando fantoches - também de acordo com o programa das séries anteriores -; produzindo cartazes sobre os preceitos de higiene (alimentação, vestuário, etc.), ilustrados com gravuras ou desenhos; mantendo cadernos ou cadernetas com composições ou cópia de hinos; fazendo ou compilando poesias, receitas culinárias e outras etc.; confeccionando peças do vestuário (uniformes, combinações, camisolas), utilizando a máquina de costura, sempre que necessário, os alunos podiam exercitar os aprendizados relativos às diversas áreas do conhecimento.

Em resumo, as atividades propostas pelos programas de ensino, caminhavam lado a lado dos conteúdos de matérias do currículo previsto para os cursos da época. Essas normatizações persistiram vários anos, chegando até 1961.

A longa vigência dessas propostas de ensino acompanha a orientação pedagógica, que se estendeu das décadas de 1940 a 1961, verificada nas práticas desenvolvidas no ambiente escolar, analisadas através de registros e documentos dispondo sobre os programas de ensino existentes à época. Essa trajetória do ensino do desenho contribuiu para a construção de uma cultura escolar que perdura até hoje, com inclusão da matéria no campo dos saberes e das práticas pedagógicas do aprendizado infantil. Essa orientação pedagógica afirmou a relação do desenho com o cotidiano vivido pela criança, nas práticas comuns à infância, em suas histórias, contexto e iniciação profissional, contribuindo para a fixação de fatos, noções e conteúdos transmitidos.

Em Minas Gerais, a presença do desenho como disciplina, desde a década de 1940 até o ano de 1961, figurou com expressiva aceitação nos programas oficiais; articulado a outras áreas de ensino, associado às atividades manuais, como desenho livre e o desenho espontâneo, contribuindo para o exercício da observação, da intuição e da expressão de toda uma geração.

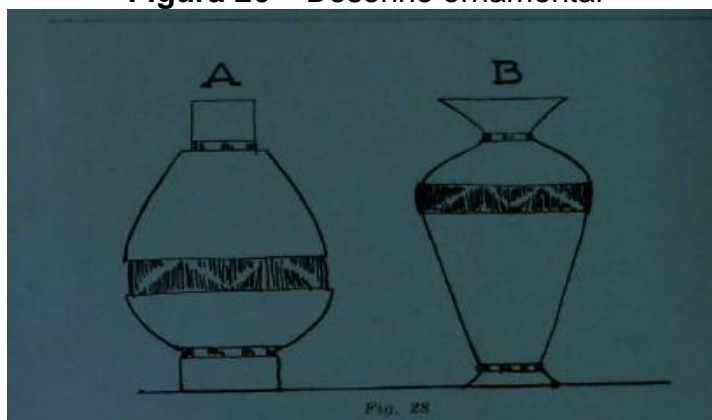
As Revistas de Ensino publicadas na época mantêm um parágrafo, na introdução, com os seguintes dizeres:

Trabalhos Manuais, Modelagem e Desenho tem importância pedagógica que nunca é demais esclarecer em virtude da grande soma de valores que apresentam. São eles incontestavelmente instrumentos indispensáveis a fixação de fatos já compreendidos, meios valiosos de ideias abstratas, motivos para novos estudos novas instruções (REVISTA DO ENSINO, 1948, p. 237).

A coleção de Revistas do Ensino listadas nas décadas de 1940 e 1950 apresenta sugestões de atividades que simbolizavam as ideias tratadas pelos Programas de Ensino em Experiência, datados de anos anteriores. Trabalhava-se por áreas de ensino, integrando aos conteúdos das matérias escolares as atividades desenvolvidas nos cursos de Trabalhos Manuais e de Modelagem, aplicando-se as estratégias pedagógicas de livre expressão, das quais desenhar, colorir e criar eram parte essencial.

A imagem abaixo ilustra o desenho elaborado em Trabalhos Manuais, extraído da obra de Silva (1959).

**Figura 26 – Desenho ornamental**



Fonte: Silva, 1959, p. 38. Desenho Pedagógico. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/159284>>. Acesso em: 13 jun. 2018

Silva (1959) argumenta que:

Os dois vasos, A e B têm a mesma altura. O mesmo número de frisos situados em idêntica disposição, um no gargalo, outro no meio do corpo e o terceiro, junto à base; entretanto, é inegável que o vaso B dá melhor impressão que o vaso A, isto porque seu formato é mais elegante que o do primeiro; todavia, se apreciarmos um de cada vez, sem cotejá-los, chegaríamos à conclusão de que ambos podem ser belos em sua decoração (SILVA, 1959, p.38).

A presente análise aqui desenvolvida demonstra que o Desenho esteve integrado aos conceitos e matérias ministrados no período recortado, sofrendo transformações em suas propostas de ensino ao longo do tempo, mas permanecendo presente em diferentes situações como ferramenta efetiva de aprendizagem infantil na escola.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este livreto apresentou uma análise sobre o curso do Desenho vigente no sistema de ensino primário, no contexto da Lei Orgânica de 1946. O tema foi eleito por contemplar o ensino do Desenho no curso primário como matéria escolar, durante as décadas de 1940 e 1950, no estado de Minas Gerais.

O estudo enredou-se pela análise da legislação educacional, debruçando-se sobre documentos oficiais produzidos no período, fonte específica de referência para o objeto de pesquisa proposto, mostrando a trajetória destes ensinamentos, que tiveram grande impacto no contexto da educação infantil, se modificando para atender as necessidades da sociedade em transformação. O Desenho como matéria desempenhou uma função marcante nos programas oficiais mineiros de ensino, desde o início do século XX até 1961.

A Lei Orgânica de 1946 introduziu o ensino do Desenho como matéria escolar oficialmente, não somente em Minas Gerais, como também no resto do país. Anunciado pelos programas de Ensino em Experiência, como matéria auxiliar, o desenho aparece como instrumento de expressão, para exercício da observação acurada e da intuição do aluno, sendo o seu conteúdo trabalhado de forma transversal, em outras áreas de ensino.

Diante dessas considerações, depreende-se que o ensino do Desenho desempenhou um papel de grande importância na educação infantil em vigor nos cursos iniciais. Pode-se considerar que essa contribuição também resultou em benefícios para a formação da criança sob a perspectiva de estímulo à expressividade, observação e intuição. É possível reconhecer a importância dessa forma de manifestação gráfica, de grande potencial criativo, que faz parte do universo infantil. O ato de desenhar é visto como a atividade artística preferida pelas crianças, e sua prática resulta em obras ricas em detalhes, que expressam e comunicam os sentimentos da criança.

A criança deixa registrada no papel através do desenho, a sua história; cada traço, cada risco ou simples rabisco revelam aspectos da identidade, do sentir e do pensar infantis. O desenho infantil é carregado de significados, registrando as alegrias, medos, sonhos, levando os adultos, profissionais e educadores, a conhecer a alma, o espírito e os sentimentos mais íntimos da criança, como pensa e como reage no meio que a cerca.

Trata-se também de uma perspectiva que abre um leque imensurável de oportunidades para se trabalhar no ensino dos saberes e vivências escolares. Para desenhar é preciso calcular; para executar tarefas manuais é preciso medir, comparar, estabelecer relações de simetrias, proporção e projeção; em outros momentos, copia-se, imita-se, recorta-se, cria-se. O desenho exige invenção - podendo ser trabalhado de forma livre, espontânea e intuitiva -, ou reinvenção, para reproduzir as figuras já existentes. A abrangência que se estabelece ao exercitar os saberes envolvidos no ensino do desenho, de ricos conteúdos, amplia as possibilidades da própria aprendizagem, a potencialidade dos cursos e da atividade de Desenho.

Esse conhecimento está sempre comprometido pelos sinais de seu tempo, portanto, carrega a marca da sua realidade histórica, não pairando acima dela com sua verdade absoluta. Assim sendo, torna-se interessante a análise das transformações sofridas pela legislação face às mudanças pedagógicas transcorridas no sistema de ensino formal.

Professores e professoras dos anos iniciais, bem como licenciados (as), são movidos pela legítima e dominante preocupação com os problemas pertinentes ao ensino, que pode ser sentida na base das tendências atuais da pesquisa em Educação. É neste ponto que pode-se apelar para a pedagogia, para a contribuição que sempre deveu à educação. Compreende-se que a pedagogia exerce papel central na produção dos saberes escolares. Não se pensa mais, nem somente, que a história visa retratar o passado; a história é uma forma de representação do passado para que nele sejam buscadas novas perspectivas, novos questionamentos, novas mudanças.

Encontra-se neste livreto a possibilidade de ver o Desenho sob uma nova ótica, ou seja, interagindo com os saberes conectados às ciências. O Desenho tem suas raízes fincadas num passado distante, envolvido num processo de incubação e transformação que segue até o início da década de 1960. Hoje, pouca importância ou destaque se dá a esse saber. Essencialmente nesse exercício de reflexão e análise histórica da trajetória do Desenho no sistema de ensino infantil no país, pretende-se que este material avance alguns passos no sentido da revitalização desse saber frente aos novos desafios dados pela educação formal contemporânea, das novas mídias e dos novos tempos...

## REFERÊNCIAS

BRASIL, Decreto-lei nº 8529, de 02 de janeiro de 1946. Dispõe sobre a Lei Orgânica do ensino primário. Rio de Janeiro, 125º da Independência e 58º da República, 1946. Brasília. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-8529-2-janeiro-1946>>. Acesso em: 13 abr. 2016

\_\_\_\_\_. **Diário Oficial [da] União**. Decreto 8529, de 2/1/1946. Lei Orgânica do Ensino Primário. Publicado em 4/1/1946, seção 1, p. 113. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-8529-2-janeiro-1946>>. Acesso em: 13 abr. 2016

\_\_\_\_\_. **Diário Oficial da União**. Decreto 8529, de 2/1/1946. Lei Orgânica do Ensino Primário. Publicado em 4/1/1946, seção 1, p. 113. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-8529-2-janeiro-1946>>. Acesso em: 13 abr. 2016

\_\_\_\_\_. **Diário Oficial [da] União**. Decreto nº 8529, de 2/1/1946. Lei Orgânica do Ensino Primário. Publicado em 4/1/1946, Art.1º. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-8529-2-janeiro-1946>>. Acesso em: 13 fev. 2016

\_\_\_\_\_. **Diário Oficial [da] União**. Decreto 8529, de 2/1/1946 – Lei Orgânica do Ensino Primário. Publicado em 4/1/1946, Art.8º  
<<http://www.camara.gov.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-8529-2-janeiro-1946>>. Acesso em: 15 set. 2016

\_\_\_\_\_. **Diário Oficial [da] União**. Decreto 8529, de 2/1/1946 – Lei Orgânica do Ensino Primário. Publicado em 4/1/1946, Art. 25º. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-8529-2-janeiro-1946>>. Acesso em: 15 set. 2016

FREIRE, O. **Primeiras Noções de Geometria Prática**, 35ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves & Cia. 1930

LEME DA SILVA, M. C. Desenho e Geometria na escola primária: um casamento duradouro que termina com separação litigiosa. **Revista História da Educação**. [online]. Porto Alegre v. 18 n. 42, jan./abr. 2014 p. 61-73

\_\_\_\_\_. Primeiras Noções de Geometria Prática de Olavo Freire um: um compendio inovador? In: 14º SEMINÁRIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA – 14º SNHCT, 2014. **Anais Eletrônicos...** p. 5. 2014.

MINAS GERAIS, Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais. Programa Ensino Primário Elementar. Belo Horizonte, **Imprensa Oficial**, 1948. Disponível Arquivo Publica Mineiro

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais. Programa Ensino Primário Elementar. Belo Horizonte, **Imprensa Oficial**, 1957. Disponível no Arquivo Público Mineiro.

REVISTA DO ENSINO. Minas Gerais. Arquivo Público Mineiro, Plataforma Hélio Gravatá, Vol. XIV, nº180, p.383, 1946. Disponível em: <<http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br>>. Acesso em: 03 jul. 2017

\_\_\_\_\_. Minas Gerais. Arquivo Público Mineiro, Plataforma Hélio Gravatá, Ano. XVI, nº189, p.156, 1948. Disponível em: <<http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br>>. Acesso em: 03 jul. 2017

\_\_\_\_\_. Minas Gerais. Arquivo Público Mineiro, Plataforma Hélio Gravatá, Ano XVI, nº 189, p. 237-239.1948. Disponível em: <<http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br>>. Acesso em: 03 jul. 2017

\_\_\_\_\_. Minas Gerais. Arquivo Público Mineiro, Plataforma Hélio Gravatá, nº 200, Ano, XIX, p.246, jul. - dez. 1951. Disponível em: <<http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br>>. Acesso em: 03 jul. 2017

\_\_\_\_\_. Minas Gerais. Arquivo Público Mineiro, Plataforma - Hélio Gravatá, 256 p. 1957. Disponível em:<<http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br>>. Acesso em:03 jul. 2017

ROMANELLI, O. de. O. **História da educação no Brasil: 1930-1973**. Petrópolis: Vozes, p.163. 1992,

SANTOS, I. B. D.; GUIMARÃES, M. D. De Rui Barbosa a Ferdinand Buisson: uma investigação sobre como ensinar desenho, **Revista Diálogo da Educação** (PUCPR) Curitiba, v. 16, n. 48, p. 321-338, maio/ago. 2016.

SAVIANI, D. História da educação e política educacional. In: SBHE (Org.) **Educação no Brasil: história e historiografia**. Campinas: Autores Associados, 2001.



SCHINNIGER ASSUN, M.G.G. **O Ensino de Desenho no Contexto da Lei Orgânica de 1946**. Trabalho apresentado ao 3º ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA-UFES. 2016. Campus São Mateus, UFES, Vitória (ES). 2016. p. 6

\_\_\_\_\_. **O Desenho na Formação do Professor Primário em Minas Gerais entre 1946-1961**. Trabalho apresentado ao XIV SEMINÁRIO TEMÁTICO: SABERES ELEMENTARES MATEMÁTICOS DO ENSINO PRIMÁRIO (1890- 1970): SOBRE O QUE TRATAM OS MANUAIS ESCOLARES? 21 a 23 mar. 2016. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal (RN), 2016.

SILVA, A. **Desenho Pedagógico**, 2 ed. São Paulo, 1959.

## ICONOGRAFIA

Figuras de 1 a 9:

FREIRE, O. *Noções de Geometria Prática*, 35ª edição, 1930. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/159718>>. Acesso em: 17 jun. 2018

Figuras de 10 a 24 e 26:

SILVA, A. **Desenho Pedagógico**, 1959.  
[https://www.google.com/search?q=repositorio+UFSC+obras+sobre+o+Desenho+imagens&uid=WDCXWD2500JS-60NCB2\\_WD-WCANKL98672586725&z=b2d3e8abfbefd2de9b97829g0](https://www.google.com/search?q=repositorio+UFSC+obras+sobre+o+Desenho+imagens&uid=WDCXWD2500JS-60NCB2_WD-WCANKL98672586725&z=b2d3e8abfbefd2de9b97829g0)>. Acesso em: 13 jun. 2018.

Figura 25:

LU ROSA. *Educação em Ação*. 2016. Disponível em: <<http://luosapedagogia.blogspot.com/2016/02/desenho-livre.html>>. Acesso em: 5 fev. 2018.